8.º ANNO 15 DE AGOSTO DE 1886 NUMERO 20

O Progresso Catholico

«... sequorautem, si quo modo comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIAO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

GUIMARÃES 15 DE AGOSTO DE 1886

Na Covilhã

SÃO mais que assustadoras as noticias dos acontecimentos da Covilhã.

A tropa revoltou-se contra o povo; o atheismo liberal, pressonificado no pandelhismo sargentaceo do regimento 21, saltou para a rua, depois de ter deposto as armas da honra e do brio militar, que sabe manejar, e soltou insultos contra os catholicos covilhanenses, que saiam e entravam no templo, para fazer devota novena em honra da Virgem de Salette!

Os mantenedores da segurança publica, aquelles a quem está confiada a honra da patria, a guarda das bandeiras que tremularam aos ventos das batalhas em S. Mamede e Ourique, em Val-de-Vez, Santarem e Lisboa; que fulgiram ao sol da victoria em Aljubarrota, Montes Claros e Atoleiros; que varreram com a sua fimbria a superficie de todos os mares, e foram hasteadas no topo de todos os navios que rasgaram as ondas, e desfraldadas em centenares de castellos e fortalezas, desde Ceuta até Gôa; esses mesmos são os que saltaram para as ruas de Covilhã calcando a bandeira gloriosa das Quinas, rasgando a *Carta Constitucional*, que por irrisão conserva em um de seus artigos, que a Religião Catholica é a Religião do Estado!

Sim, senhores, os soldados do exercito portuguez, que deveriam guardar as tradições gloriosas de seus antepassados, que deveriam timbrar por se parecerem com os antigos soldados da patria, que pelejavam por Deus e pelas damas; são esses mesmos que ás portas do templo, na Covilhã, blasphemavam dos dogmas da Religião, dirigiam chufas aos santos, e atiravam com as mais indecentes palavras, aprendidas nos bordeis e na tasca onde vive a ralé, ás faces pudibundas das virgens covilhanenses!

E não só isto, que já bastava para deshonrar o exercito de Portugal, mas foi-se mais longe.

Depois de exercido o mister de garotos, e de pedantes, tomaram o logar do bandolleiro e do assassino, desembanharam o sabre, que o Estado lhe confiára para defender os cidadãos e as leis do paiz, descarregaram as armas, destinadas á defeza da Patria e do Rei, e espadagaram os catholicos portuguezes, e espingardearam os filhos d'esta nação nobilissima que teve sempre no exercito o mais fórte antemoral contra as demasias dos inimigos da Religião e da Patria.

Os sacerdotes, os ministros do Senhor, foram prostrados no templo, em voltos, em sangue, o templo foi profanado, a Religião insultada, e a liberdade, a independencia da Patria, posta em grave risco de perder-se!

Bravo! Vae dando os *saborosos* fructos, desejados, a arvore *frondente* da liberdade sem Deus, a arvore que tambem foi plantada com descargas de fuzilaria e com pranchadas de sabre sobre os filhos mais dedicados da Egreja!

Primeiro espingardearam-se os frades porque *conspiravam* contra a liberdade, resando em latim; agora vão-se espingardeando todos os cidadãos, porque tambem *conspiram* contra a liberdade, resando em portuguez.

Chegará tambem o tempo de se confiscarem os bens dos catholicos todos d'este reino fidelissimo, para os obrigar a abandonar o templo, pela fome?

Não será assim, cremol-o; porque dias de paz e liberdade, parece raiarão breve para a Egreja de Deus, e cremos tambem que o governo não deixará impune tão monstruoso attentado como o que presenciou a Covilhã; se não der uma satisfação ao povo catholico de Portugal, offendido todo nas pessoas de seus irmãos da Covilhã, onde ha-de ir parar este malfadado paiz?

E' certo que modernamente se tem descoberto meios de desculpar todos os crimes, muito principalmente os praticados contra a Religião. Uma bebedeira, ou umas tendencias de allienação abafam todos os processos, ainda contra todas as leis da moral e da razão; mas em todos os paizes civilisados ha leis contra a embriaguez, e a um soldado que se embriaga destitue-se publicamente, varre-se-lhe a cara estanhada com as insignias do posto que occupa e manda-se britar pedra com a corrente do calceteiro, presa a um pé. E para os allienados ha um hospital de doudos, e alli uma camisa de forças.

Visto haver remedio para tudo, esperamos que o governo tomará as devidas providencias, para lavar a nodoa que mancha a honra, a dignidade do exercito e a fé e as crenças catholicas dos portuguezes.

Elias de Sampaio.

SECÇÃO RELIGIOSA

O Padroado portuguez nas Indias Orientaes

ESTAVA reservado ao grande Pontifice, que ora preside á Egreja de Deus, ao sabio, illustradissimo, e famoso diplomata Leão XIII, resolver a par tantos annos intrincada questão do Padroado portuguez na India. A'quelle espirito altamente esclarecido, havia necessariamente render-se a trica dos governos portuguezes, que, se por um lado mostravam desejos de conservar uma das maiores glorias da corôa, mostravam por outro lado a nenhuma vontade que tinham de se harmonisarem com as aspirações das christandades orientaes, com os santos desejos do Pontificado.

Queriam conservar o Padroado na India sem padres, substituir os missionarios por exploradores, a escola por excurções *scientificas*, e os trabalhos apostolicos, relatando a propagação da Fé, por terras regadas com o sangue dos Martyres do Christianismo, por relatorios officiaes, que só mencionavam o esborear dos templos, a perda da Fé por falta de padres, o fechar das escolas por falta de mestres.

Era o desejo de possuir uma cousa, deixando-a cair esfarrapada em montes de indifferentismo, e abrindo com esse indifferentismo as portas do nosso vastissimo imperio oriental aos propagandistas protestantes, que safavam o nome da Patria com o sangue dos christãos.

Vamos dar hoje os preleminares do

tractado á pouco firmado em Roma, e que deve dentro em pouco ser ratificado. Este documento é de importancia muito principalmente para os catholicos da India, onde a nossa Revista conta numerosissimos leitores, tanto em terras portuguezas como d'outras naçees, mas sob o dominio espiritual da Egreja portugueza:

«Em nome da Santissima Trindade.

Sua Santidade o Summo Pontifice Leão XIII e Sua Magestade Fidelissima El-Rei D. Luiz I, animados do desejo de favorecer e de promover o maior desenvolvimento das christandades nas Indias Orientaes, e de regular por maneira estavel e definitiva o Padroado ahi da Corôa Portugueza, têem resolvido fazer uma Concordata, nomeando para este fim dois Plenipotenciarios, a saber: por parte de Sua Santidade o Emo. e Remo. Snr. Cardeal Luiz Jacobini, seu Secretario de Estado, e por parte de Sua Magestade Fidelissima o Exc.mo Snr. Conselheiro d'Estado João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens, Embaixador Extraordinario, Par do Reino e Ministro d'Estado Honorario, os quaes, trocados os seus respectivos plenos poderes, e achados em boa e devida fórma, convieram nos artigos seguintes:

Artigo 1.º

Em virtude das antigas concessões pontificias, continuará o exercicio do Real Padroado da Corôa Portugueza, em conformidade dos sagrados canones nas Igrejas Cathedraes das Indias Orientaes, segundo as modificações estabelecidas na presente Concordata.

Artigo 2.º

Emquanto á Igreja Metropolitana e Primacial de Goa, o Arcebispo continuará a exercer os direitos metropolitanos nas dioceses que lhe são suffraganeas.

O Arcebispo *pro tempore*, por benigna concessão de Sua Santidade, será levado á alta dignidade de Patriarcha *ad honorem* das Indias Orientaes, e gosará alem d'isso do privilegio de presidir os concilios provinciaes de todas as Indias Orientaes, os quaes ordinariamente se reunirão em Goa, salvo ao Summo Pontifice o direito de dispor de outro modo em circumstancias especiaes.

Artigo 3.º

A provincia ecclesiastica metropolitana de Goa será composta, alem da Séde Metropolitana, das tres dioceses seguintes: de *Damão* e titular de *Cangranor*; de *Cochim*; e de *S. Thomé de Meliopor*.

Em annexo separado serão indicados os limites e os logares que ficam sujeitos a cada uma das tres dioceses.

Artigo 4.º

Na Diocese Metropolitana de Goa, bem como nas tres dioceses suffraganeas, o direito de Padroado será exercido pela Corôa Portugueza.

Artigo 5.º

Em consideração das vantagens que pela reconstituição das tres referidas dioceses e de uma regular provincia ecclesiastica, poderão provir aos fieis alguns dos grupos principaes das christandades denominadas goanezas, que são indicadas no annexo já mencionado, não comprehendidas nos limites assignados ás tres mencionadas dioceses, serão a estas aggregados, tendo-se em attenção os elementos materiaes e moraes de homogeneidade, que mostrem que ficarão assim melhor reunidos.

Nas missões goanezas das outras dioceses deverá o Ordinario confiar de preferencia a cura de almas a sacerdotes goanezes ou portuguezes d'elle dependentes.

Artigo 6.º

Pela sua parte o Governo Portuguez compromette-se a providenciar á conveniente dotação das mencionadas dioceses, de que trata o artigo 3.º da presente concordata, dos Cabidos, do Clero e dos Seminarios, e a cooperar efficazmente com os respectivos Bispos para a fundação de escolas, orphanologios, e outras instituições necessarias para o bem dos fieis e da evangelisação dos infieis.

Artigo 7.º

Com relação ás quatro dioceses de *Bombaim*, *Mangalor*, *Quilon* e *Maduré*, que serão erectas com a instituição da gerarchia nas Indias, os metropolitanos com os seus suffraganeos na vagatura de qualquer das ditas sés episcopaes, assim como igualmente os suffraganeos da respectiva provincia, quando a vagatura seja da séde archiepiscopal, á sua livre escolha formarão e communicarão uma lista de tres nomes ao Arcebispo de Goa, que a enviará a Sua Magestade El-Rei de Portugal, o qual no praso de seis mezes deverá apresentar á Santa Sé um candidato escolhido d'entre os tres da proposta. Se no praso indicado de seis mezes esta apresentação não tiver sido feita, a livre escolha será devoluta á Santa Sé.

Artigo 8.º

O Summo Pontifice nomeará pela primeira vez os Arcebispos e Bispos das quatro dioceses indicadas no precedente artigo, que serão fundadas com a constituição da gerarchia ecclesiastica.

Artigo 9.º

As christandades de Malaca e Syngapura, actualmente dependentes da jurisdicção extraordinaria do Arcebispo de Goa, ficarão sujeitas á jurisdicção do Bispo de Macau.

Artigo 10.º

Regulado assim o Padroado da Corôa Portugueza, em todo o outro territorio das Indias Orientaes, a Santa Sé gosará plena liberdade de nomear os Bispos e de adoptar as determinações que julgar opportunas para o bem dos fieis.

Artigo 11.º

Modificadas e interpretadas por esta fórmas as precedentes concessões relativas ao Padroado da Corôa Portugueza nas Indias Orientaes, continuarão em vigor os artigos 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e o annexo *A* da Concordata de 21 de fevereiro de 1857.

Artigo 12.º

O presente tratado com o seu annexo, que d'elle fica fazendo parte integrante, será ratificado pelas Altas Partes Contratantes, e as ratificações serão trocadas em Roma dentro de tres mezes, da data da assignatura, ou antes, se for possivel.

Roma, em vinte e tres de junho de mil oitocentos oitenta e seis.

(L. S.)=*João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens.*»

(«Diario do Governo» n.º 167, paginas 2004, de 28 de julho de 1886.)

(Continua.)

As bellezas
Da eloquencia de São Paulo

São PAULO dotado do *dom de lingua* foi um prégador celebre.

Dialéctico consummado saido das escólas judaicas e não do ensino dos rhetoricos gregos, desenvolvia systematicamente a doutrina christã; e *propheta* inspirado, dirigia-se ao coração humano, enlevava-o com impeto pela força do raciocinio, e sacudia as almas adormecidas despertando-as do somno lethargico.

Instruido nos segredos e na prati-

ca da argumentação, e, portanto apezar do poder da sua logica, a sua maior força é o sentimento e o pensamento.

Santo Agostinho traçou o retrato de S. Paulo, assim: «S. Paulo foi pequeno de estatura, e não favorecido nos dotes naturaes do corpo. Ainda que a sua linguagem parecesse despojada da eloquência, adorno, e graças da Acaia; isto não obstante estas cartas, em que parece lhe não devem nenhum cuidado o concerto, e a elegancia do estylo, estão cheias dos mais nobres rasgos d'aquella grande e sublime eloquencia, que era propria de um Apostolo: e se attendermos em particular á presente que temos entre mãos (2.ª *Epistola aos Corinthios*), se vê claramente, que não ignorava as fontes da Eloquencia.»

E' que o genio de S. Paulo tem qualidades moraes d'uma ordem superior, e estas qualidades têem o seu reflexo na sua composição e estylo. Ellas dão á sua eloquencia uma originalidade que frustra todas as regras. A sinceridade das convicções, o ardor da fé, o desinteresse illimitado, a preoccupação exclusiva da verdade e da justiça, emfim, a absoluta confiança na sua missão, communicam á palavra do Apostolo uma energia triumphante e uma força irresistivel de persuasão.

O genio de S. Paulo attingia o mais alto gráu de agudeza. O Apostolo fallava quebrando o trivial encadeamento do methodo; fallava com um furor sublime, claro ácerca de Deus e tenebroso ácerca do mundo, consequente com Deus e inconsequente com o mundo, magnifico em sabedoria e desconcertado diante do vulgo.

Doutor, professor, prégador, revestido da dignidade de Apostolo, era de uma erudição expansiva, clara, methodica, judiciosa, com Deus e com o universo.

Propheta, levava á noite das almas o facho celeste, inflammava-as com os raios do amor divino, predizia-lhes a vida por a fé, e suscitava-lhes as exaltações d'esta vida interna.

Estatico, via Deus face a face: ignorava o mundo, de que havia perdido toda a especie de consciencia externa; mas resuscitava com Deus, com a consciencia intima da existencia divina. E S. Paulo, que fallava esta triplice lingua, a da razão, a da fé e a da intuição; Paulo, o apostolo, o propheta, o homem do extasis, agradecia a Deus o haver-lhe concedido este supremo dom; e, áquelles que lh'o contestavam, oppunha-lhes a sua metaphysica christã, a sublimidade da sua fé e a transcendente natureza das suas intuições.

*
* *

Que belleza a seguinte admiravel antithese de S. Paulo onde é descripta a sabedoria humana opposta á sabedoria divina:

«Os Judeus pedem milagres, como os Gregos buscam sabedoria, mas nós, prégamos Jesus crucificado, que é um escandalo de facto para os Judeus e uma estulticia para os Gregos; mas que é, para os Judeus e para os Gregos chamados á fé, virtude de Deus, e a sabedoria de Deus. Pois o que é louco segundo o mundo escolheu Deus para confundir os sabios: e o que é fraco segundo o mundo escolheu Deus para confundir os fortes; afim de que nenhum homem se glorie na presença d'elle, mas, para que, o que se gloria, glorie-se no Senhor.»

Esta calssificação moral dos homens aqui proposta pelo Apostolo não deixou nunca de existir como verdade: os supersticiosos, os scepeticos, os crentes.

*
* *

Como o ardor de uma alma generosa enflamma estas bellissimas palavras de S. Paulo ácerca da excellencia da caridade:

«Se eu fallar as linguas dos homens, e dos Anjos, e não tiver caridade, sou como o metal, que sôa, ou como o sino, que tive. Se eu tiver o dom de prophecia, e conhecer todos os mysterios, e quanto se póde saber; e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada. E se distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada d'isto me aproveita.

«A caridade é paciente, é benigna, a caridade não é invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente, não se ensoberbece. Não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.

«Tudo tolera tudo crê, tudo espera, tudo sofre. A caridade nunca jámais ha de acabar... Em summa, ha tres grandes virtudes: a Fé, a Esperança, e a Caridade; porém a maior das tres, é a Caridade.

*
* *

Fóra de si pelas insinuações perfidas dos seus inimigos, é com a seguinte sublime ironia que S. Paulo releva a accusação de insensato:

«Porque vós, sendo como sois uns homens sensatos: soffreis de boamente aos insensatos! Porque soffreis a quem vos põe em escravidão, a quem vos devora, a quem de vós recebe, a quem se exalta, a quem vos dá na cara. Mas todos esses toucos, de quem podem porventura gloriar-se mais do que eu: elles são hebreus, tambem eu: são israelitas, tambem eu: são descendencia de Abrahão, tambem eu: são ministros de Christo; ah! (eis aqui o cumulo da loucura), mas o sou eu: em muitissimos trabalhos, em carceres muito mais, em açoutes sem medida, em perigos de morte muitas vezes no mar, nos rios, entre ladrões, nas cidades, no deserto, entre falsos irmãos, em vigilias, com fome e sede, em muitos jejuns, em frio, e desnudez. Afóra estes males, que são exteriores me combatem as minhas occorrencias urgentes de cada dia, o cuidado que tenho de todas as egrejas. Quem enferma, que eu não enferme? Se importa que algum se glorie d'alguma cousa: eu me gloriarei nas cousas, que são da minha fraqueza. O Deus, e Pae de Nosso Senhor Jesu Christo, que é bemdito por todos os seculos, sabe que não minto.»

*
* *

Que eloquencia mais alto se levanta?!

Antes e acima de tudo, S. Paulo é um penetrante e profundo moralista. Elle sonda todos os reconditos do coração humano: a alma, os seus sentimentos e as suas tendencias, o desaccordo entre os deveres e as paixões, a desigualdade entre as nossas necessidades e as nossas forças, taes são os objectos dos seus quadros, das suas demonstrações e reprehensões.

Nada, portanto, mais natural do que collocar o Apostolo acima de um Demosthenes e de um Cicero; posto que sobresae n'um genero que triumpha dos demais.

Effectivamente o orador religioso está pelo assumpto que trata tão elevado que nenhum interesse humano o pode attingir. A moda e as variações dos tempos nenhuma acção tem sobre esta materia oratoria: a natureza moral do homem, as suas miserias, as suas grandezas, o seu futuro immortal: eis aqui uma causa com interesses muito superiores ao da fortuna de um cidadão ou até de um Estado,—é a causa de Deus e da humanidade.

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a rasão

(Continuado do n.º anterior)

XII

Resurreição e ascensão de Jesus Christo

Desapparição do cadaver.—Conformidade dos escriptores contemporaneos.—O Synhedrim não justificou as suas explicações. — Os guardas do sepulchro.=Celso e Josepho.—Prodigios confessados por Flegon.=Os annaes da China e as historias syriacas.—Os Santos Padres da Egreja.—Reflexões.—A ascensão.—Apoteose de Romulo. — Pensamentos de Rousseau.

TODOS os escriptores do seculo I e dos immediatos concordam no mesmo facto historico. Os christãos e os idolatras são unanimes—em que o cadaver de Christo desapparecera do tumulo onde fôra publicamente depositado, sendo a unica entrada do sepulchro fechada com uma pedra e as juntas d'esta selladas com o sêllo publico no sabbado de manhã depois de verificada a permanencia do cadaver, novamente reconhecido e assim deixado no sepulchro, ficou ao santo logar uma guarda de judeus (1).

Os incredulos não podem desmentir estes factos, e como as explicações que os idolatras deram são inadmissiveis, suppõem que os restos mortaes de Jesus foram roubados do sepulchro.

São, porém, pouco logicos no seu modo de raciocinar, porque não se deve sustentar uma opinião sem provas sufficientes para ser acreditada, e elles não sabem explicar-nos a maneira, e como o furto do cadaver póde effeituar-se.

Os unicos interessados n'este acontecimento só podiam ser os Apostolos e discipulos de Jesus e porisso só elles poderiam roubar o corpo de seu Mestre para o depositar em outro logar; e se se tivessem resolvido a semelhante empreza, teriam deixado passar a noite de sexta-feira, em que o sepulchro esteve só e sem vigilancia alguma? teriam perdido tão favoravel occasião de effeituar o roubo sem perigo algum? Não é crivel que, para executar tão arrojado projecto, esperassem precisamente pelo dia em que o tumulo havia de estar guardado por sentinellas.

Se o conto do roubo fôra verdadeiro, teriam tratado de proval-o, procedendo a averiguações opportunas com que justificassem legalmente um acontecimento que interessava á Synagoga.

Mas deram instrucções aos soldados para contarem a historia do furto, e cifraram-se n'isto as investigações do Synhedrim. Que se responderia se aquelles homens tivessem asseverado a resurreição do Salvador emquanto dormiam o seu pesado somno? Responder-se-ia não sem razão que pessoas a dormir não merecem credito e que as suas declarações não teem valor algum.

O procedimento posterior do Conselho mostra-nos quão longe elle ertava de acreditar aquella invenção torpe e ridicula, pois que quando intentaram condemnar os Apostolos á morte, Gamaliel disse: «Varões israelitas, «attendei por vós, reparando no que ha«veis de fazer ácerca d'estes homens... «Agora pois em fim vos digo, não vos «mettaes com estes homens e deixai«os: porque se este conselho ou esta «obra vem dos homens, ella se desva«necerá; mas se vem de Deus, não a «podereis desfazer, porque não pareça «que até a Deus resistis (2).»

Ter-se-ia seguido este dictamem, se houvesse a crença de que o roubo fôra verdadeiro e uns falsarios os Apostolos?

Repetimos, a declarção dos soldados carece de importancia, porque se estavam a dormir não poderam saber o que tinha succedido (3).

Uns soldados adormecidos e em contradicção merecem porventura mais credito que os escriptores d'aquelle tempo?

O successo não offerecia duvida alguma para os mesmos judeus e pagãos que prezumiam de sensatos; mas buscaram uma solução accomodada ás suas crenças. Celso nega a resurreição real e verdadeira de Jesus, pretendendo provar que um phantasma escapado do sepulchro dispersou a guarda, e accrescenta este auctor que a mesma apparição phantastica se apresentou com frequencia até que finalmente a viram elevar-se pelos ares. Tão ridicula e improvavel pareceu a Juliano a invenção do roubo, que elle não quiz apoial-a, parecendo-lhe melhor a explicação de Celso; e Josepho, historiador judeu, referindo os feitos de Jesus diz o seguinte: «Aos «tres dias depois da sua morte, appa«receu-lhes vivo, segundo a pregação «que os Prophetas annunciaram a res«peito da sua resurreição e mais suc«cessos que lhe pertenciam: a seita dos «christãos ainda permanece no dia e «leva seu nome (4).»

Os prodigios succedidos na morte de Jesus tornam crivel a sua resurreição. Commove-se a natureza n'aquelle solemne instante, e escurecendo-se o sol, a terra ficou coberta de trevas.

O terrivel cataclysmo não o referem sómente os historiadores christãos d'aquella epocha; contam-no tambem escriptores idolatras, entre os quaes Flegon se exprime n'estes termos: «No «quarto anno da olympiada 202, á hora «sexta do dia, occorreu o eclipse do sol «maior que se tem conhecido; sobreveio «tão grande escuridade, que se viam «as estrellas como na noite mais escu«ra, e um extraordinario tremor de «terra fez desabar muitas casas em «Nicêa.»

A epocha citada por este auctor, inimigo da nossa religião, convem exactamente com o anno em que morreu Jesus, que foi a dezoito do reinado de Tiberio, e não deve esquecer-se que o eclipse occorrido na sexta hora foi sobrenatural, pois succedeu precisamente no plenilunio e no mesmo dia e hora que fixam os historiadores para a terrivel execução.

Os annaes da China conservam a recordação d'este eclipse inesperado na data que os evangelistas designaram; e o grego Thales, auctor das historias syriacas, refere igual successo acontecido na epocha exacta da morte de Jesus.

Este acontecimento era tão crido nos tempos primitivos da Egreja, que para elle appellavam Origines, Tertuliano, S. Justino, o historiador Eusebio e outros escriptores para provarem aos gentios a divindade de Jesus Christo, sem que podessem allegar razão alguma contra um successo extraordinario universalmente crido.

O martyr S. Faustino arguia os seus juizes d'este modo: «Se o que eu vos «digo não merece credito, nas vossas «historias, nos vossos fastos e nos vos«sos archivos achareis consignado que o «sol desappareceu em metade do dia, «deixando a terra coberta de escuris«simas trevas n'aquelle dia e hora em que por sentença de «Pilatos foi crucificado o Salvador (5).»

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo

(1) Observa S. João Chysostomo que se tivessem dado a guarda do sepulchro soldados romanos ter-se-hia desconfiado d'elles, e que Deus para tirar este motivo de duvida, permittiu fosse confiado aos judeus.

(2) Act. Apost., cap. V. vers. 35, 38 e 39.

(3) S. Agostinho diz: *Se os soldados estavam acordados, como consentiram no roubo do corpo? E se estavam a dormir, como souberam o que foram obrigados a declarar?*

(4) *Ant. jud.* lib. XV, cap. IV, trad. Berg. t. V, pag. 431.

(5) Rufino, Historia Ecclesiastica, liv. X.

SECÇÃO HISTORICA

D. Sebastião, rei de Portugal

(Continuado de pagina 201)

II

Como dissemos, D. Sebastião nasceu a 20 de janeiro de 1554. O pae morrera antes do principe nascer, e a mãe, despeitada, por lhe não darem a regencia do reino quando morreu D. João III, retirou-se para Hespanha, deixando a tenra creança entregue aos cuidados da Avó, a rainha D. Catharina.

Ao joven principe foi lhe dado por preceptor o sabio jesuita Luiz Gonçalves da Camara, e como aio, D. Aleixo de Menezes.

Um padre illustrado e um guerreiro destimido, fizeram de D. Sebastião um catholico verdadeiro, e um soldado ás direitas, e dentro em pouco se lhe conheceu uma notavel intelligencia, cultivada, já se vê, pelo filho de Loyola, e uma imaginação exaltadissima, robustecida, claro está, pelo soldado aguerrido, que lhe havia de fallar dos altos feitos de seus maiores, que lhe incutia na mente os brios cavalheirosos, proprios de um rei e de um soldado. Viu ainda augmentar os brios guerreiros do moço rei a noticia da victoria alcançada em Lepanto por D. João d'Austria, e o seu animo sonhou então victorias, desejou louros para engrinaldar a regia fronte, e tentou passar ao Oriente com um exercito, mas foi obrigado a desistir.

A este tempo chegou a Lisboa um enviado do Papa, para pedir a D. Sebastião se puzesse á frente de uma cruzada contra os turcos.

D. Sebastião acceitou com prazer e participou o seu intento a varios monarchas catholicos para que o ajudassem.

Não se realisou a cruzada, mas em 1574, D. Sebastião passa á Africa sem o participar a pessoa alguma, e sem que se soubesse para onde fôra; só mais tarde por uma carta sua, é que houve noticia certa do seu tentamen, o que obrigou os mais influentes fidalgos da côrte, a implorar-lhe que voltasse ao reino. Voltou, mas voltou porque não achou uma espada que se cruzasse com a sua, porque as tropas de Marrocos, sabendo da chegada de D. Sebastião, e receiosos de que elle levasse todas as forças de Portugal, fugiram, e em parte alguma lhe offereceram combate.

Hiam realisar-se os sonhos do joven monarcha.

A 25 de junho de 1578, vencendo todas as resistencias, desatendendo todos os conselhos, D. Sebastião partiu para a Africa com uma armada de oito centas vellas e desoito mil homens.

Desembarcando em Tanger, seguiu por terra, por Arzilla até Alcacer-Kibir, onde encontrou o exercito de Muley-Moluk, formado em ordem de batalha.

A 4 de agosto D. Sebastião formou o seu exercito e marchou contra o inimigo. Este dispoz os seus soldados de fórma a prender em apertado circulo o exercito christão, como aconteceu.

D. Sebastião mandou tocar o Ave-Maria, que era o signal do ataque. Os padres a este toque ajoelharam, os cavalleiros curvaram-se, e deu-se principio á terrivel tragedia, que havia de perder Portugal.

El-Rei pouco sabedor de cousas de guerra, reservou para si as ordens, e foi isto o primeiro erro; porque precipitando-se com a sua cavallaria, e cercado dos fidalgos mais distinctos, embrenhou-se no exercito inimigo, espalhando a morte com o flamejar da sua valente espada. O resto do exercito, porém, sem commandante, ficou parado, e quando se lembraram de o fazer marchar ao combate, era já tarde.

Houve momentos em que a victoria esteve do nosso lado, mas a inexperiencia do Rei, o orgulho de varios fidalgos, não souberam aproveitar-se d'esse momento e todos viram até a derrota factal, irremediavel. Então, D. Sebastião juntando a si a flor da nobreza, entrou destemido por meio do exercito inimigo não pensando se não em morrer, e os fidalgos esquecidos de si, só cuidavam em salvar o Rei.

D. Jayme de Bragança, o duque d'Aveiro e D. João de Mendonça, cairam ao lado do monarcha n'esta terrivel escaramuça. E o Rei continuava a cortar inimigos, e estes retiravam-se á sua passagem, e elle cada vez se enternava mais n'essa floresta de lanças e alfangens, até que desappareceu. Não mais se soube de D. Sebastião.

Com elle pereceram tambem entre outros muitos os seguintes fidalgos:

Conde de Vimioso e seu filho D. Manoel de Portugal, o conde de Vidiguera e seu filho, D. Rodrigo, filho do conde de Tentugal, os bispos do Porto e Coimbra, o conde de Mirra, o barão de Alvito, Francisco e Christovão de Tavora; n'uma palavra, mais de cem fidalgos dos principaes, ficaram sepultados nos areaes d'Africa com o Rei, com o exercito, com a corôa e independencia de Portugal.

O resto dos fidalgos em n.º de 88 foram prisioneiros, chegando os inimigos a não ter cordas com que os amarrar.

O resto do exercito ou pereceu afogado no rio, quando tentava fugir, ou foi degolado, ou prisioneiro.

Poucos voltaram a Portugal.

E como não foi possivel reconhecer o cadaver do Rei, nasceu d'aqui a lenda, que ainda hoje dura, de que D. Sebastião ha-de voltar a Portugal!

Aqui fica esboçado o grande cataclismo occorrido em Africa no dia 4 de agosto de 1578, dia em que se fundiram as gramalheiras que mais tarde haviam pesar aos pés dos filhos de Portugal.

D. Sebastião foi um martyr da fé e da Patria, e se foi infeliz na sua expedição á Africa, isso só se póde attribuir á inepcia dos seus generaes, á decadencia do exercito, e não á má educação guerreira que lhe deu o aio, nem a educação religiosa que lhe deu o seu mestre, o Padre Jesuita.

Com melhores servidores teria D. Sebastião firmado o imperio portuguez na Africa.

R.

SECÇÃO CRITICA

Irlanda

A QUESTÃO *está posta!* a Irlanda terá o seu *parlamento*; poderá ser *questão de tempo*. As recentes *eleições* a poderão decedir; e quando Mr. Gladstone seja vencido nem por isto a Irlanda deixará de obter mais tarde o seu *Parlamento*, que na *Ilha Verde* terá a séria importancia, de que não gosam os *Parlamentos* moderno-continentaes na Europa.

Nós não somos inglez, mas nem por isto desejamos o enfraquecimento do Imperio Britanico, cujo Governo não embaraça a Acção Catholica da Egreja de Deus, e tempo virá em que seja de novo um decedido defensor de *Esta*.

Uma das provas de que o Parlamento Irlandez é de muita importancia para os Interesses Catholicos está na guerra feita ao seu restabelecimento pelos *Orangistas, partido protestante* tão ferrenho que não duvida combater á mão armada o alludido restabelecimento, se por ventura o votar o Par-

lamento Imperial Britanico. Com os *Orangistas* oppoem-se os possuidores de terras, que as houveram pelas antigas violencias *protestantes* na Irlanda, que o *Protestantismo* quiz, mas não conseguiu, *protestantisar*.

Menos importancia, por isso que se não envolvia Interesse de Fé Catholica, teve a *questão Hungara*, a final os Hungaros conseguiram, que sem desmembração do Imperio, lhes fosse dado o seu Parlamento e ainda com uma autonomia governativa para os negocios *internos* hungaros; os Irlandezes não pedem Governo autonomo ou quasi autonomo, pedem o seu Parlamento, de que aliás gosavam ainda não ha seculo, e hão de obtel-o *por Gladstone* ou *por outro*.

Cousa notavel; *Gladstone* foi um dos propugnadores pela *Revolução* na Peninsula Italica, e basta lembrar as suas tristemente celebres *Cartas de Napoles*: mais tarde o mesmo Gladstone propugnou e conseguia o *derestabelecimento da Egreja Protestante Estabelecida* na Irlanda, e para a qual os Catholicos Irlandezes eram obrigados pelos tributos a pagar.

Agora, é ainda *Gladstone* o campeão do restabelecimento do Parlamento Catholico Irlandez, do qual virá um grande auxilio aos Interesses Catholicos na Irlanda e fóra. Como A Divina Providencia conduz as cousas!

Sabem todos que *Mr. Parnell* é actualmente o notavel campeão da Causa Irlandeza *no meio da politica*, embora seja, como *Mr. Gladstone*, *protestante*; e já no tempo das grandes campanhas do grande *O' Connell* em favor dos Interesses Catholicos, teve este por fiel companheiro *Mr. Grattan* tambem *protestante*; á familia grattan ouvimos alguma cousa, que nos faz inclinar a crer, que o referido Grattan se converteu á Fé Catholica. Mas em todas estas circumstancias se vê o *Dedo de Deus* e se reconhece como são insondaveis os Designios Divino! Temos a certeza moral, que restabelecido o Parlamento Irlandez, este se apresentará como rasgadamente Catholico, e ha-de influir para resultados de muito alcance contrarios á *Maçonaria Revolução*; assim, interessa a todos os *decedidos Catholicos* que a Irlanda tenha de novo o seu Parlamento. Os Irlandezes não levantam nenhuma questão dynastica, querem ter, têm jus a ter *em casa* os Procuradores naturaes dos seus interesses internos considerados moral e temporalmente; querem que a sua voz se acentue como a voz *de um Povo*, e primeiramente no que se refere aos interesses da Fé Catholica.

Os Irlandezes são fidelissimos Soldados e Marinheiros da Corôa Britanica, prestam-se aos Serviços do Imperio Inglez com toda a fidelidade, mas não querem perder seus justos fóros irlandezes; embora a viveza e fogo do seu caracter, são condescendentes menos em negar sua *filiação Catholica*, e sua *nacionalidade irlandeza* o que não se oppõe a que formem um só Imperio Britanico com a Inglaterra, Escocia, Principado de Galles, as pequenas Ilhas e as Colonias. Como Catholicos são os Irlandezes obedientes ao seu Venerando Clero, e este tem nos sempre guiado de modo a procurarem a satisfação de sua justiça pelos meios justos como Deus o manda!

No Imperio Austro Hungaro como já citamos, na Monarchia Sueco-Noroegueza, no Reino Neerlandez ou Hollanda, n'estas partes da Europa dam se situações como a que com justiça reclamam os Irlandezes e assim porque negar-lhes o que se apresenta tão practico e praticado n'outros Povos da Europa? a furia de uma minoria de *protestantes* e os interesses egoista de um grupo *protestante* não devem vencer, nem vencerão, embora n'este momento *possa parecer* que sim.

Como todos os perseguidos e oppimidos, os Irlandezes tiveram sempre como seu primeiro defensor o Papado; foi pela influencia dos Papas que foi obtida, *por ex.*, a primeira mitigação das leis penaes *protestantes* inglezas na Irlanda; e os Irlandezes têm sido gratos ao verdadeiro interesse que os Papas nos differentes Pontificados têm significado e tomado sempre por *elles*, e com tanta sapiencia e prudencia que o Governo Inglez não se tem mostrado *melindrado*, e antes por vezes tem procurado que o Papa intervenha com Sua Auctoridade Moral nos negocios da Irlanda e na Irlanda como *v. gr.*, quando a *agitação* dos *Fenians*. Os inimigos dos *projectos irlandezes* de *Mr. Gladstone* sentem por certo uma inquietação interna relativa áquillo mesmo porque pugnam, pois que é *carregado* o supposto aspecto que se manifestará depois da hypothetica regeição dos alludidos projectos. Os *Orangistas* ameaçam o fazer derramar sangue nas hypotheses de approvação e applicação dos mesmos projectos convertidos em lei; mas que direito têm os referidos cégos *partidarios* a exigir que seja satisfeito seu rancor, e não applicada a lei? é o não-direito de rebellião, é a rebellião que nenhum Governo deve reconhecer, e está obrigado a reprimir. Unidos os deputados Irlandezes na camara electiva do Parlamento Imperial Britanico, e dirigidos por *Mr. Parnell*, formam um grupo que embaraçará qualquer Gabinete, formado de qualquer *partido*, uma vez que não seja satisfeita a justa vontade da Irlanda. Tal situação apresenta-se como um *facto*, que mais já ou mais logo ha-de obter *resultado*, e por tanta maior rasão que na propria Inglaterra hoje é importante a opinião favoravel ao Parlamento Irlandez *restabelecendo*, e tanto que *Mr. Gladstone* poude obter ultimamente da Corôa a dissolução *do Parlamento* por isso julgou possivel que uma nova *Camara* viesse melhor expressar a opinião relativa aos seus projectos *irlandezes*. Ainda ha 10 ou 12 annos ninguem dizia, que em 1886 fosse apresentado no Parlamento Britanico o projecto de restabelecer o Parlamento Irlandez; não deve fazer admiração que não passem *já* os projectos relativos á Irlanda para virem a passar *pouco depois*. O *Momento Providencial* ha-de vir, e como *Providencial* no *Seu a proposito!*

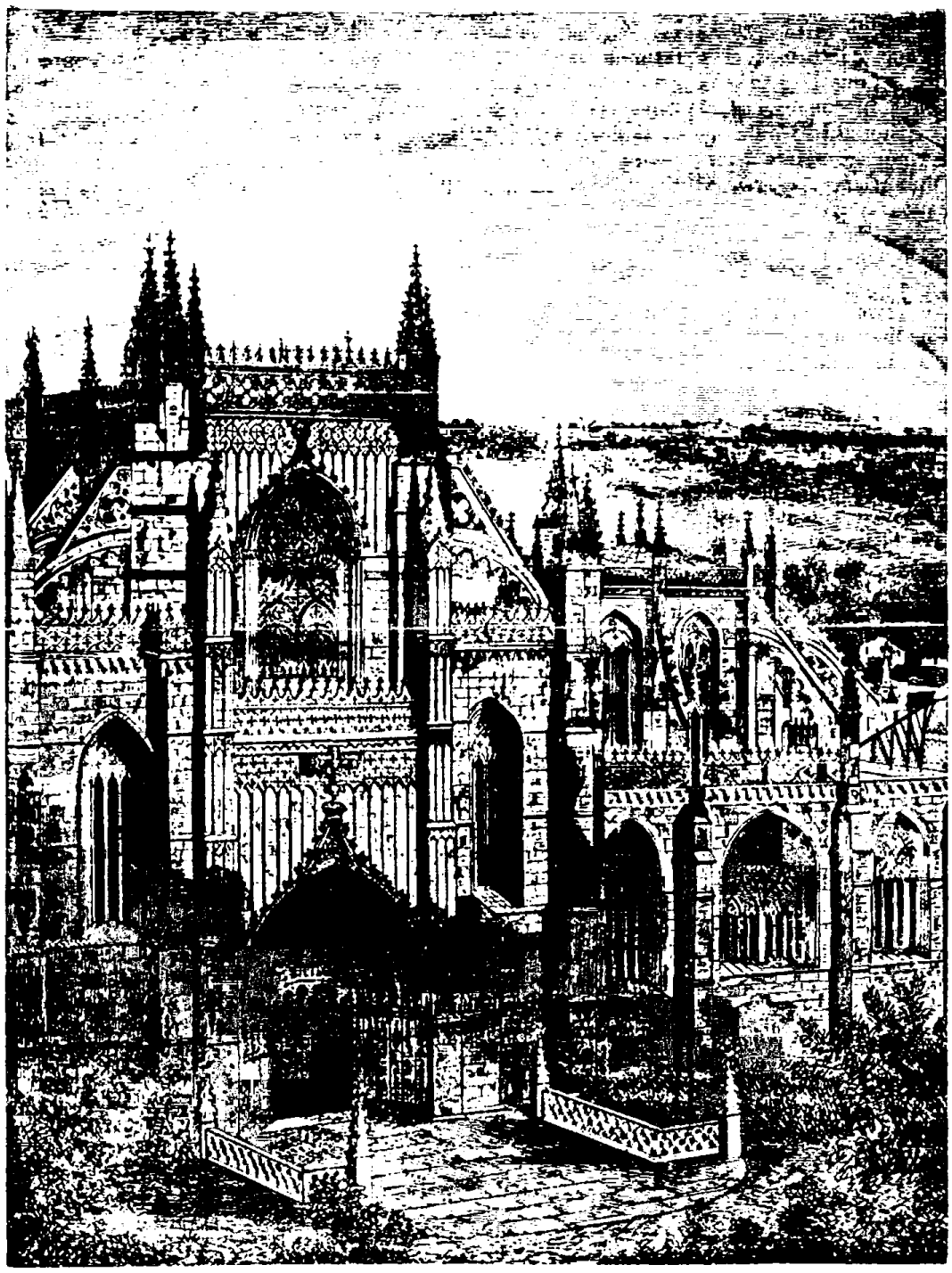
D. Antonio de Almeida.

N. B.

Não perdi o somno por ter lido incorrecções involuntarias *de impressão* apparecidas e *não manuscriptas* no artigo *Considerações*, publicado no numero 18 do *Progresso Catholico*; tive e tenho pena, mas repito, não perdi o somno como aconteceu áquelle Imperador Romano por ter dado uma *Syllabada*; perdel-o-ia *até protestar* se me tivessem feito passar por ter dito uma *heresia* que não tinha sahido da minha penna nem da minha bocca. O leitor de criterio leu por certo o que eu *escrevi*; alguem terá ficado embaraçado e assim atanho-me a este *salvo-conducto*, de justiça, e a *Illustre Redacção* não me levará a mal o eu usar devendo fazel-o com humildade pela Graça de Deus! «*este pro domo mea*. As incorrecções *de impressão* apparecem nos dous hemispherios, e Guimarães não está de elles a coberto. Já temos fallado de aquelle celebre *concurso* na Inglaterra, em que era promettido um premio á Typographia que imprimisse correctamente o *manuscripto* copiado e distribuido a todas as Typographias inglezas; fechado o concurso, tracton-se de examinar qual das Typographias mereceria o premio; nenhuma tinha feito a impressão absolutamente correcta, pois que a mais apurada tinha collocado mal *uma virgula*, e assim o premio ficou *guardo*. E' certo que os *manuscriptos* vem muito a miudo para as Typographias de modo que os typographos têm de se tornar *como* n'uns palyographos; ao mesmo tempo quem escreve tem pressa de trasladar o pensamento e descura a calygraphia, e ás vezes até escapa a grammatica; os antigos romanos tinham os *grammatice* ou os que faziam uma *especialidade* d'o escrever *grammaticalmente*, e n'isto tão acurados que os nota-

veis escriptores deixavam áquelles a revisão grammatical de seus escriptos. O escriptor é diligentissimo *em se copiar*; S. Francisco de Salles em seu ardente zêlo em reproduzir, para gloria de Deus e bem das almas, seus Santos Pensamentos disse: «Não me demoro com as regras humanas ao fallar ou escrever sobre as Cousas Divinas.» *E qual Escriptor* foi este Santo o attestam Seus preciosos Escriptos! Como *N. B.* já este não vai curto; e, ficando amigos, fico salvo eu e fica salva a *Typographia* da *Revista=O Progresso Catholico*, esperando o—abaixo assignado da delicadeza da *mesma Revista* a publicação de estas *linhas*.

D. Antonio de Almeida.



MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA BATALHA

Os protestantes em Barcellos

As vozes que os *amigos da liberdade* soltaram, chamando ás armas todos os liberaes contra os missionarios varatojanos que missionaram ha pouco na importante villa que o Cavado banha com suas frescas e chrystalinas aguas, foram escutadas, e, d'entre a phalange rota e acanalhadamente reles, foi destacada uma parte, a mais rota de certo, e enviada para Barcellos, com o fim, certamente, de oppôr ás palavras do Divino Mestre, ensinadas pelos virtuosos varatojanos, os discursos arlequinados, ensaiados no *Tôrno*, junto ao *Tunel*, como muitas vezes annunciam os jornaes das ruas do Porto.

Esperava o palhaço do protestantismo chamar a attenção da gente fina de Barcellos, e foi levantar a turva n'uma tasca. O que lhe aconteceu

foi peor ainda do que acontecera á *bispa* que havia estado em Vizella.

Leia-se o que o «Tirocinio de Barcellos publicou, narrando o facto que, já agora hade ficar gravado nos troncos de todos os carvalhos, incluindo o do «Conimbricense», e se tanto fôr mister, hade obter-se que no lodo onde brota o *Junqueiro*, cresça tambem mais alguma planta infecta, d'essas que a policia não deixa crescer á borda dos regatos, e que a medicina prohibe entrem nos povoados, para com ella a tal damninha *planta* já mencionada fazer um acrescimo á tasquissima e avinhada *Velhice*, pois que, a scena de Barcellos, que vae ler-se, não pode deixar de fazer parte da mais nojenta e immunda producção *litteraria* com que se tem emporcalhado o papel, com grave risco de saude publica. Junte-se-lhe mais este facto que tambem mostra a caducidade da Egreja Catholica.

Tem a palavra o «Tirocinio»:

«Até que em fim as praticas do ministro protestante, que veiò a esta villa, alguma cousa produziram que mereça chronica. Depois dos seus *louvaveis* esforços, para alistar alguns crentes sob as bandeiras do protestantismo, esteve em risco de sellar a *veracidade* da sua crença com o martyrio, uma cousa digna de passar á historia, para lição e instrucção dos vindouros. O nosso *Zé-povinho* esteve quasi a ser o algoz do ministro prégador. Na sexta-feira passada uma grande multidão de povo estanceava junto do *templo*, com aspecto de taberna, onde o ministro catechisava os que tinham a ingenua paciencia de o ouvirem. Mas não pensem os leitores que a multidão desejava ouvir a palavra *eloquente* do prégador, queria vel-o fugir deante da sanha que a inspirava. D'antes os martyres do christianismo, segundo reza a historia offereciam o collo ao cutelo do algoz, sem que a morte proxima os aterrasse. O ministro protestante, porem, apesar de toda a sua *coragem*, careceu da intervenção da auctoridade. Avisadamente procedeu o catechisador, visto que hoje, graças aos progressos da civilisação, os guerreiros não se vestem de ferro, a fim de pôrem a pelle a cuberto da contingencia de qualquer golpe, e o *Zé-povinho*, quando as cousas não lhe correm bem, pouco se importa com se servir da pedra para aggredir o seu inimigo. Houve, pois, a intervenção da auctoridade para a manutenção da ordem, mas o *Zé* quiz fazer as honras ao prégador acompanhando o até ao lugar em que as costas lhe deviam ficar seguras, conforme o plano da auctoridade. As cousas, porem, não chegaram tão longe—uma fortuna como outra qualquer. No meio do caminho e d'aquella grande balburdia eis que se ouve uma voz que dizia: *fogo a elle!* Entendeu-se que era fogo em algum predio, e não no corpo do ministro, e então começou a apitar se, dando em seguida os Bombeiros o signal de incendio. A multidão, no seu bom senso, comprehendeu que se deviam deixar em paz os homens da religião reformada para acudir a salvar a vida e a fortuna de qualquer cidadão barcellense. D'esta sorte o cidadão protestante ficou salvo de perigo, e pode dizer-se que os apitos dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos tem a propriedade de salvar a vida de qualquer infeliz. Agradeça o snr. ministro a esta humanitaria corporação o beneficio que acaba de receber, e lembre-se que a sua integridade physica atravessou victoriosa por entre aquellas notas asperas, que embora não sejam agradaveis ao ouvido não deixam de ser lisongeiras para quem, por meio d'ellas, sae incolume d'um grande perigo.

Entendemos que o ministro não devia expôr-se a um risco tão grande, porque poucos foram os ouvintes que lhe deram o gosto de lhe prestarem a sua benevola attenção. Seriam talvez seis os que compunham o *selecto* auditorio do catechista, um dos quaes, filho da visinha Galliza, foi atacado na Praça pelo mulherio que até chegou a atirar-lhe com repolhos. Se aquelle *crente* fosse um herbivero podia ter n'aquelle dia uma refeição farta e ficar assim melhor disposto para ruminar as idéas do mestre. O mulherio enganou-se, porque o homem não se alimenta de repolho cru. Para outra vez, senhoras mulheres, ministrem ao homem algum acepipe mais saboroso para que elle possa melhor com os fardos e levar, sem custo, as sementes da religião de Luthero pelas differentes terras. Pode levar estas sementes escondidas no meio das fazendas para não pagar os direitos aduaneiros; é um meio economico que não se deve despresar. E ás senhoras mulheres barcellenses pedimos para que guardem os repolhos para alimento da humanidade, porque não estamos em tempo de desperdicios. Resta dizer alguma cousa a proposito d'um official de diligencias do juizo ordinario, tambem affeiçoado á seita protestante. E' certo que este empregado pode seguir a religião que melhor lhe quadrar na cabeça, mas na qualidade de funccionario sempre lhe queremos lembrar que a religião do Estado é a catholica. E assim damos por concluido este nosso trabalho que não custou pouco, ainda mais do que tem custado ao mestre e discipulos a manifestação das suas ideias pela religião reformada.»

Estão cada dia a perder mais terreno estes apostolos do parlapatismo! Quando nas nações protestantes os filhos de Luthero, estão a entrar os porticos arrendados das cathedraes catholicas para ali receberem a luz da graça pelo Baptismo; quando as grandes inteligencias, que ainda luctavam com a luz, em meio das trevas do erro, vão sendo condusidos por essa mesma luz ás praias d'esse mar do progresso e da civilisação onde navega, rindo das ondas revolucionarias, a Barca de Pedro; quando tudo isto se observa veem os *apostolos* rotos, cheirando a vasilhame e ao volor das possilgas, tentar fortunas em terras portuguezas, onde a cruz se ergue ha desoito seculos, onde as glorias da Religião andam casadas com as glorias da Patria!

Já é descaro e pedantesca ousadia ora não é leitores?

Ainda bem que o povo de Barcellos sabe os seus deveres de catholicos; mil parabens, por isso.

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

Viatico

Veem na asinhaga, retinindo a espaços,
sagrados sons de mesta campainha.
O Viatico será?
Do soffrimento alguem pendeu nos braços,
em remota e pauperrima casinha.
Será p'r'alli que irá?...

Que scena e luto em dia tão fulgente!...
Dilata-se, em sorrisos, nas campinas,
o sol ridente e bom.
O melro pelas balsas, estridente,
revôa; e ao campo imprimem as boninas,
soberbo e alegre tom.

Em longa e magestosa ondulação,
loiras messes, por essas veigas fóra
fluctuam nobremente.
Trechos limpidos se ouvem da canção,
que em distantes sinceiros, vibra a ess'hora,
o rouxinol dolente.

Da asinhaga saiu; e religioso,
segue sereno, e á beira de um moinho,
o cortejo sagrado.
De uma nogueira á sombra, silencioso,
de aldeãs ajoelha um rancho no caminho,
sobre o pó humilhado.

E a campainha a espaços, vae tinindo,
na mão de doce e pallida creança,
da procissão na frente.

Ardem tochas, nas lampadas fulgindo;
rubros mantos ondeiam; a turba avança,
á luz de maio clemente.

Longas roupas, e á sombra de uma umbella,
meigo o perfil austero e paternal,
segue o velho reitor.
Sobre a cota lhe desce, alva e singela,
a estola; a fronte n'um diadema ideal,
se corôa de alvor.

De uma cruzeta ornada da esculptura,
sacrosanto, nas mãos, leva o thesoiro,
que a formula conduz.
Morde tremulo o sol vislumbres d'oiro,
do pavilhão na aurea bordadura,
fulgindo aos raios da luz.

E a turba segue em córos alternando,
n'um hymno melancolico e arrastado;
e a sós psalmeia o cura.
Não ha duvida: a casa demandando,
vae a turba, da encosta n'um cerrado;
lá o enfermo procura.

E emquanto este, na pallida agonia,
sente a vida escapar-se a estranhos mundos,
—contraste singular!—
ha sol e luz e flores e harmonia;
e, nos seios da terra tão fecundos,
a seiva a palpitar!...

1886.

Mattos Ferreira.

Mãe!...

MÃE! nome suavissimo, palavra que echoa em todos os corações e os faz pulsar de contentamento e ternura!

Mãe! emblema de candura que sentes em teu peito todas as emoções de regosijo que gosarem teus filhos, mas que ao mesmo tempo choras e padeces quando elles soffrem!

Quanto nos é agradavel, e nada para nós de mais suave, emquanto habitamos, pobres nautas, este procelloso oceano da vida, do que vivermos ao abrigo salutar e benefico d'uma Mãe!

O coração vibra com mais vehemencia as suas continuas e rapidas pulsações, quando de nossos labios se desprende tão carinhoso como doce nome.

Quando longe da patria, expostos á rigidez do clima, á furiosa intemperie das estações, com a necessaria ambição de ganhar o pão quotidiano, tristes e submersos n'uma atra soledade que nos tortura e mortifica, é ainda a nossa Mãe, que como mensageira celeste, vae de longe depositar n'aquelle tugurio as alegrias que póde uma mãe espalhar no seio da familia! E o pobre expatriado, chora d'alegria!

Quando no leito da dôr, devorados pela febre que ameaça sepultar-nos nos abysmos do desengano, é ainda a nossa terna Mãe que nos ministra palavras de suprema consolação e de terna suavidade.

O Nazareno, quando prestes a exalar o derradeiro sôpro de vida sobre o cume do Golgotha, não quiz articular tão sublime nome!

Não! Chamou á sua amantissima Mãe, Mulher,—*Mulier ecce filius tuis* — porque o nome de Mãe proferido por elle n'aquella angustiosa occasião, seria mais uma aguda espada a trespassar o casto seio d'aquella desvelada Virgem, modelo sacratissimo de todas as mães!

Mãe! creatura angelical, aquella que o Supremo escolheu para lhe confiar a mais santa das missões — a maternidade!

Quantas vezes ella collocada entre a balisa que separa a vida da morte, sente de momento a momento, fugir-lhe a existencia nos apertados instantes da parturição!

Mas resigna-se, confia e depõe a sua prece aos pés de Deus.

Que jubilo não experimenta ella ao ver em seu regaço o fructo das suas mais carissimas affeições!

Emfim, a nossa companheira, a nossa medianeira, a nossa guia, é a nossa mãe.

Quanto nos apraz na carreira da vida, as mais das vezes interceptada por mil contrariedades, o termos uma mãe!

Eu felizmente gero essa ventura n'este oceano de tempestades, chamado mundo.

Ditosos, emfim, os que ainda ouvem o nome de filhos, pronunciados pelos meigos labios d'uma mãe!

Riba d'Ancora.

Manoel Bento Alves Botelho de Lemos.

GRACIA

OU A CHRISTÃ DO JAPÃO

CAPITULO XVI

O militar christã

(Continuado de pag. 213)

EM quanto Jakuin Tokun redigia as primeiras ordens de perseguição contra os christãos, estacionavam na ante-camara do Regente Justo Ucondono, o principe Constantino Joscimon, Jecundono e varios outros personagens do Imperio. A expedição de Kiousiou havia de tal modo augmentado a reputação militar do primeiro, que todos, idolatras e christãos o proclamavam á bocca cheia o melhor general do Japão. Como Capitão da Guarda, Justo havia desempenhado n'ella o cargo de chefe de infanteria; como, porém, Simão Condera, que commandava a cavallaria o tinha em grande conta e o consultava em tudo, podia affirmar-se que Justo teria sido o verdadeiro general em chefe, se o Regente, que devia sua elevação a seus conhecimentos e tactica militar, não menos que a sua astucia, não tivesse commandado pessoalmente a expedição.

Faxiba, mais que ninguem, tinha apreciado e calculado de novo todo o valôr de Justo; mas o que especialmente havia notado era, que o seu segundo, longe de fazer-lhe sombra e ter como propriamente seus os triumphos e gloria, que na verdade havia conquistado, cuidadosa e astutamente os repellia fazendo recahir todos os louvores sobre o Regente.

Para quem era tão timido como Faxiba, não tinha preço um homem tão modesto como Justo; por isso o Regente o acariciava, o protegia e o exaltava; e á sua imitação todos os cortezãos, com especialidade Jakuin apregoavam todos seus feitos.

Encommodavam a Justo os elogios, mas mais que todos os de Jakuin. Tinha este o privilegio de alteral-o de tal modo, que cada vez que o via, necessitava empregar grandes esforços para dominar-se e não manifestar-lhe o tedio que lhe inspirava sua presença; quando o ouvia fallar soffria tanto, que frequentes vezes tinha que ausentar se.

Um de seus amigos christãos, que notou esta antipathia, perguntou-lhe uma vez qual o motivo e procedencia d'ella.

—Desconheço-o, respondeu Justo sei só que me parece que n'esse homem vive Satanaz, pois que me inspira a mesma repugnancia que o inimigo do genero humano.

—Mas a outros idolatras, de peiores costumes os tratais com grande carinho, disse-lhe o amigo.

—Poderão ser de peiores costumes, mas de peiores sentimentos não acredito que os haja. Cada vez que me dirge uma lisonja, figura-se-me que me crava um punhal; cada favor que faz a um christão, parece-me que é um laço que arma contra sua alma; cada phrase que dirige a Faxiba, entolha-se-me que encerra uma idéa sinistra e diabolica. Emfim; é o meu continuo e incessante pezadelo e em quanto viver nem confio na boa fé do Regen-

te, nem que este deixe de perseguir os christãos.

Por esta conversa já se póde calcular o muito que Justo conhecia a Tokun; infelizmente porém, afora lá um ou outro Jesuita, todos os christãos estavam tão longe de abundar nas idêas de Justo, que consideravam o medico favorito como um dos principaes auxiliares da fé pela moderação que aconselhava ao Regente e tolerancia que observava com todos.

Em quanto Jakuin redigia a ordem de expulsão os personagens que estavam na antesala ouviam a Constantino Jascimon, descrever a santa morte de seu pae, o principe Francisco, occorrida um mez antes.

—Quando meu pae, dizia Constantino, renunciou em mim seus Estados para começar a viver uma vida mais santa, não fiz senão desgotal-o immensamente. Quando me viu, porem, convertido e que tomava o nome de Constantino e me dispunha a seguir seus conselhos, sentiu se satisfeito e contente e entoou, como outro Simeão, o *Nunc dimittis*. Conhecendo que na terra havia concluido sua missão, preparou-se para a morte com grande fervor. Encommendou-se fervorosamente a seu amigo Francisco Xavier, o Santo a quem annos antes havia hospedado em casa e tido occasião de admirar.

Pediu que lhe assistisse um Jesuita nos dolorosos transes da morte. O Padre Laguma se collocou á cabeceira do seu leito, e ficou edificado ao ouvil-o fallar como um santo e ao vêr a tranquilla resignação com que soffria tormentos de sua enfermidade.

Pouco antes de morrer chamou a minha irmã Maxencia e a mim; pediu-nos que perseverassemos na fé. «Approximam-se, nos disse, tempos de prova para a Egreja do Japão. Tu, Constantino, que ainda és novato na virtude, inspiras-me summo cuidado porque os fracos succumbirão. Recorda-te, porém, se vaccillares, que teu pae estará vendo lá do ceu. Se cahires, recorre a mim, que eu rogarei por ti para que voltes ao rebanho.»

(Continúa).

Versão do padre Lima.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Mosteiro de Santa Maria da Victoria, na Batalha

A 14 de agosto de 1385, quando o sol nascente doirava as cristas das montanhas, formava em Aljubarrota o pequeno exercito do Mestre d'Aviz, preparado para a grande lucta que havia firmar a independencia da Patria, que havia robustecer a Fé d'este povo de heroes.

Fez hontem 501 annos que o principe soldado, que o primeiro cavalleiro do seu tempo, ajoelhado na terra humida do acampamento fizera um voto á Virgem Santissima, de, no logar da batalha, erguer em honra sua um templo que fosse a admiração dos povos. Eram tempos de viva fé, e os principes de então timbraram em ser catholicos. D. João 1.º antes do voto que fizera á Virgem confessou-se, commungou, e seus soldados fizeram o mesmo.

Assim fortalecidos entram os dois exercitos na peleja, e tanta foi a protecção da Virgem, que, dentro em pouco o famoso exercito de Castella, uns 80 mil homens, fugiam com o seu rei á frente, diante de 6 mil portuguezes, deixando no campo bagagens e tudo que acompanhara o rei.

Estava salva a Patria, a bandeira das quinas erguia-se em Aljubarrota, e D. João 1.º ajoelhava sobre os destroços dos vencidos, agradecendo á Virgem das Victorias tão estupendo favor. Estavam satisfeitos os desejos do Rei de Portugal, faltava que elle cumprisse a promessa que fizera. E cumpriu. O mosteiro da Batalha, cuja fachada principal representa a nossa gravura lá se ergueu no campo da liça. Fallaremos d'elle.

R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Procurou-nos segunda vez o Exc.mo Snr. Barão de Vallado, cavalheiro respeitavel do Porto e assignante e amigo da nossa revista. D'esta vez tivemos a felicidade de estar em casa e de conhecer pessoalmente e comprimentar o nobre titular.

S. Exc.ª retirou das Taipas, onde tem estado a banhos, na segunda-feira 9 do corrente. Desejamos-lhe uma boa viagem, e que o uso das aguas de Caldellas produzissem os fructos desejados, e agradecemos penhorado tanta bondade da parte de S. Exc.ª

Tambem tivemos a visita dos nossos bons amigos e do *Progresso Catholico*, os snrs. Antonio José Rodrigues Ferreira, respeitavel commerciante de Braga, e João Chrysostomo Rodrigues de Faria, alumno interno do Seminario dos Apostolos em Braga, e que será em breve alistado na grande milicia dos sacerdotes catholicos.

Finalmente tivemos o prazer de estreitar a mão de um antigo leitor e amigo do *Progresso Catholico* e nosso, o Rev.mo Sr. P.e Joaquim Francisco da Silva Costa, a quem agradecemos, assim como a todos os mais amigos a lembrança de nos visitarem.

Assistimos no dia 1 do corrente em S. Francisco d'esta cidade, á distribuição dos premios aos alumnos das escolas creadas e sustentadas pela Veneravel Ordem Terceira. Sempre que os nossos muitos trabalhos nos dão licença, costumamos e gostamos de assistir a festas d'este genero.

Fez-se sem apparato official a distribuição dos premios nos salões nobres do vastissimo edificio, com a assistencia da meza administradora, das creanças premiadas, das Irmãs directoras e do povo que póde ter cabida ali. Louvamos a meza por esta acertada deliberação, porque, francamente, onde está o habito do Santo Patriarcha da Penitencia nada brilhavam algumas casacas; e onde está o Ministro de tão respeitavel corporação, dar o lugar de honra a qualquer auctoridade civil é menoscabar uma dignidade que acima de todas aquellas se solevanta.

Antes da distribuição dos premios que constaram de livros religiosos, como devia ser, tratando-se de remunerar virtudes crescidas á sombra de uma casa verdadeiramente catholica, discursou admiravelmente o Exc.mo senhor João d'Almeida, digno Ministro da Ordem, fallando tambem o Rev.mo P.e Commissario, estimulando as meigas creancinhas, que, como semente de uma futura pleade de mulheres e homens christãos, ali se estendiam, n'aquella sala que ellas tornavam n'um jardim de esperanças.

Em seguida abriram-se as escolas, e na das meninas foi escutado um discurso, feito por uma d'ellas, a menina Maria Mendes, de oito annos, de que não podemos tomar tudo, mas só o principio e o fim, que basta para mostrar o espirito que domina aquella graciosa colmeia de pequenas escolares. Principiára assim:

«Eis-nos aqui as pobres creancinhas, que ha um anno, eramos ainda sem instrucção, quando a mão caridosa do Ministro d'esta Veneravel Ordem, nos acolhia aqui, á sombra protectora d'estas paredes, onde outr'ora os filhos de Guimarães, recebiam farto e solido ensinamento, (1) ministrado gratuitamente pelos filhos do Pobre de Assis,

(1) A escola está estabelecida n'uma das salas que foi do convento dos frades franciscanos.

tão ingrata e cobardemente roubados ao Progresso e á Caridade.»

E depois de exalçar as virtudes das suas mestras as Irmãs Hospitaleiras, o que devem á Ordem, e de apontar o que tinham aproveitado durante um anno, concluiu assim:

«O Senhor faça chover suas graças sobre esta santa casa, sobre o digno Ministro e mais mesarios da Veneravel Ordem, sobre as benemeritas Irmãs que nos teem dirigido, sobre nossos paes, e, sobre nós, pequenas plantasinhas, creadas no vastissimo jardim da caridade christã, e á sombra da mais ampla de todas as bandeiras, da bandeira que os filhos do Santo Patriarcha teem hasteado em todos os cantos do globo—a cruz da redempção.»

Uma outra menina recitou ainda outro discurso, que não podemos apanhar, mostrando tambem o muito que deviam á caridosa instituição das escolas, terminando este formosissimo quadro com a recitação de uma bella poesia do nosso bom amigo e maviosissimo poeta, o Exc.mo Snr Dr. João de Lemos, intitulada as *Rosas de Santa Izabel*. A correcção da pronuncia, a cadencia na recitação, tudo mostrava que a menina Cassilda soubera comprehender o pensamento do poeta, o que é uma gloria para as Irmãs professoras, pelo que lhe damos os nossos parabens.

Entre os poucos trabalhos das pequenas creanças (note-se que todas tem de 4 a 8 annos) havia já que admirar, em bordados a branco e a lã, em camisas e outros objectos de uso familiar, e sobre tudo em escripta, desenho e contas. Desafiamos todos os sabios do mundo a que façam tanto em um anno! Tirae das escolas os mestres pertencentes ás congregações religiosas, e vereis o que fica: o que fora antes d'elles!

E porque será isto? E' que as Irmãs não são mestras; são mães, e é por isso que nós vemos as creanças fugir para as escolas mesmo em dias feriados; não estão bem se não perto de suas directoras.

E o que são como mestras as incansaveis obreiras da civilisação, são-o tambem como infermeiras, e como directoras das casas onde vivem. O hospital da Ordem serafica, exposto á vista do povo nos dias 1 e 2 dava uma prova d'isto.

Presidia a tudo o bom gosto, a elegancia, a harmonia. As mesas eram formosos canteiros d'onde brotavam ás mil flores naturaes e artificiaes, e nos altares, ás janellas, de todos os cantos, emfim, era um irromper de flores, formando graciosos *bouquets*, trepando-se, pendurando-se dos adornos da casa, das cornijas, n'um conjuncto admiravel, e tão admiravel que a gente julgava-se em plena natureza sobre terra alfombrada de flores e debaixo de um tecto de verdores afostoados. E é por que ás déveis forças das Irmãs juntara-se a vontade herculea da mesa administradora, que, mettendo passantes hombros á gigantesca obra da reparação da casa, a tinha posto um primor de luxo e acceio Os vastos corredores, as elegantes escadarias, davam o agradavel frescor que dá uma casa de marmore, e todos os quartos, e os salões que elevam arrogantes os tectos a descommunal altura, davam a edeia de um palacio de jaspeado alvor, como que tombado da crista da serra, que principia a elevar-se com seus verdores ali perto.

Os pobres franciscanos, os mais pobres d'entre elles podem louvar ao Senhor porque possuem o melhor palacio de Guimarães. Os maiores ricaços, os homens do dinheiro e das honras não têm uma casa tão desafogada, tão luxuosamente construida, e tão propria para dar saude a quem a não tem

A festa de egreja esplendida, mas sem desperdicio, sem luxo desnecessario. Damascos, lumes e flores, o a fé que ali arrastava milhares de crentes em dia de tantas graças. Aos sachristãos do culto divino os snrs. Silva e Valerio saudamos tambem, porque deixaram os seus quefazeres para satisfazer dignamente o cargo que tem na Ordem. O sermão um primor.

Os meninos da escola, que não tinham, como as meninas, um destinctivo, appareceram n'estes dias, pela vez primeira, decentemente uniformisados, e, sem terem exercicio militar, inovação ridicula que vae aparecendo nas escolas, apresentam-se como *tropa de linha*—sérios, graves, modestos, como convem a creanças que tem por preceptor o Commissario da Ordem franciscana.

No dia 26 do passado julho celebrou a sua primeira missa o rev.º Padre Domingos José d'Araujo, de Cerdal, Valença, na egreja de S. Domingos d'esta cidade, sendo presbyteros assistentes os Rev.ms Damião de Araujo, irmão do novo levita, e Manoel Rodrigues Cachiço, parocho de Rendufe.

Terminou com a commovente ceremonia do beija-mão, perante a qual ha sempre lagrimas, mormente nas faces dos paes que já sentiram um tal goso, vendo seus filhos envestidos na dignidade sacerdotal, e nos que esperam ainda poder tel-o.

Damos os parabens ao novo ministro do altar e comprimentamos por tal motivo seu irmão, um dos parochos dignos d'este concelho.

O nosso amigo Rev.mo P.e Francisco Xavier de Souza Carneiro, o fundador da Confraria do SS. Coração de Jesus n'esta cidade, e promotor da grande devoção que ao mesmo SS. Coração se observa aqui, não quiz deixar os povos de S. Martinho do Campo, em Vallongo, onde é Abbado, sem tão aubundante fonte de graças, e estabeleceu ali no dia 19 de julho a Associação do Coração de Jesus e Apostolado da Oração, promovendo por essa occasião pomposa festividade.

Um abraço ao incansavel trabalhador na sagrada Vinha.

Mas isto vae mal! Por toda a parte o Coração de Jesus! tudo associados do Coração de Jesus! sempre festas ao Coração de Jesus! Portugal, a Europa, o mundo, está a cahir nas garras dos Jesuitas!

Deus queira que o badalo grande do *Conimbricense* não zurre, que se se deixa ouvir, adeus Coração de Jesus.....

Lourdes! Sempre Lourdes, hade dizer a impiedade, com seus ares de pedantesca ousadia, com seus quês de quem se condoe do *fanatismo* que arrasta as multidões á santa montanha onde a SS. Virgem por vezes apparecera e fallára a innocente pastorinha!

Sempre Lourdes! E' verdade! Agora foi á miraculosa gruta uma peregrinação ingleza, que depositou aos pés da Virgem Immaculada uma supplica firmada por milhares de catholicos inglezes, irlandezes, americanos, e de todas as nações onde se falla a lingua ingleza. E' tão espantoso o n.º das assignaturas, que firmam a mencionada supplica, que occupam, querem saber? 47 metros de papel de 43 centimetros de largo!!

Olhem que já é! Teem cousas estes catholicos!!

A *Associação dos Anjos* é uma agregação altamente sympatica, que já se acha estabelecida em algumas dioceses de Italia e cujos frutos vão sendo assaz conhecidos.

E' estabelecida sob a direcção dos parochos e das Irmãs de caridade, e formada de creanças de 7 a 12 annos. A missão d'estes pequenos associados é simples, mas de uma alta significação e interesse moral. Resume-se a dizer cada um na rua, em casa, ou em qualquer lugar, sempre que escutar uma blasphemia, estas palavras em voz alta: — *Bemdita seja Maria Santissima*, accrescentado, sendo a blasphemia soltada em casa e por pessoa de sua familia: — *Meu pae, não blasphemeis*; ou, *meu irmão, não blasphemeis*.

Isto dito por labios infantis, com a graça que a tudo imprime a innocencia, tem feito e continuará fazendo desapparecer os blasphemos.

A's mães, aos parochos, e ás mestras, recommendamos e pedimos que instituam em casa, nas parochias e nas escolas a formosa *Associação dos Anjos*.

O explendido livro—Vida dos santos e Beatos das tres Ordens de S. Francisco, escripto pelo Revd.mo Padre Leon, foi ultimamente tradusido para inglez, pelas Religiosas franciscanas, por essas mulheres *occiosas*, que, depois dos muitos trabalhos que lhe pesam, da boa vontade com que se dedicam a todo o serviço, teem ainda tempo de fazer a traducção de um livro d'esta ordem.

O Em.mo Cardeal Manning, no prologo que fez á mesma traducção, diz, entre outras as seguintes palavras, com referencia á Ordem franciscana:

«A singular perfeição da pobreza de espirito foi communicada por S. Francisco a seus discipulos, e por estes a toda a Ordem em todos os tempos.

Em todos os paizes, em todas as linguas, em todos os estados da vida, assim nos homens como nas mulheres, nos ricos e nos pobres, nos sabios e nos ignorantes, nos soldados e nos de mais cidadãos, nos sacerdotes e nos leigos, nos principes e nos reis, nos bispos e nos pontifices, qualquer que haja sido a sua condição, o typo franciscano foi sempre o mesmo. A pobreza de espirito, o amor aos pobres, uma terna compaixão para todo o soffrimento, a fruição da bondade em todas as obras da creação, a humildade do coração, o desapego das cousas da terra, uma piedade que procura esconder-se, e um fervor silencioso que aspira continuamente a conformar-se cada vez mais com a humildade e a caridade de Jesus Christo.»

Eis como o grande Cardeal Manning, esse verdadeiro apostolo da Inglaterra, aprecia e proclama as virtudes dos filhos de S. Francisco.

A grandiosa obra da Propagação da Fé, desde a sua creação, em 1822, isto é durante 64 annos, tem recebido *dos fieis de todo o mundo* 24 mil contos de reis! ou 375 contos de reis por anno.

E que tem feito essa obra civilisadora, durante tão poucos annos e com tanto dinheiro?

Vejamos:

Com estes recursos creou perto de 200 novas dioceses, existindo actualmente na India 26 Arcebispos e Bispos com 1200 sacerdotes; na China, Japão e Indio-China, 50 vicariatos apostolicos e 1400 missionarios; em Africa 2 Arcebispos, 12 Bispos, 17 Vigarios Apostolicos, e 16 Prefeituras; na America Ingleza 30 Bispos e 200 sacerdotes; e na Oceania 23 Bispos!

Aqui teem os da nova ideia, os que não sabem o que a Egreja Catholica tem feito, os que apoiam a espoliação feita pelo governo do Quirinal aos bens da Propaganda, o que é o progresso, o que é a civilisação, o que é trabalhar pela liberdade, pela imancipação dos povos, á sombra da cruz e sob a egide dos Pontifices Romanos.

Apresentem-nos um facto igual, mesmo empregando toda a casta de exploradores e espoliadores, impulsionado pelos inimigos da Egreja!...

Elles apresentam, pois não apresentas-te. O que elles, os espiritos fortes appresentam é os seus propagandistas de uma figa, esfalfados por toda a parte, e sem resultado favoravel para elles. O explorador NN, a quem os propagandistas da irreligião teem feito ovações de fazer cair os oculos ao proprio Snr. Carvalho do «Conimbricense», e a quem levaram, com os seus *Lazaristas* lazarentos desde os theatro de Lisboa, onde havia os applausos dos farcistas de Alfama, freguezes dos pratos de *dobrada* com batata e do vinho de Torres, até aos theatros das terras mais sertanejas, onde os que palmejavam comiam bacôa e iscas de bacalhau, regadas com vinho verde, pago na tasca reles pelos amigos dedicados da comedia—pasmaceira; esse *explorador*, diziamos, que lá por fóra, onde os NN não imperam tanto e tão descaradamente como em Portugal, traz sempre a policia com o olho sobre elle, teve o *desgosto* de, na cidade de Corilbia, no Brazil, quando tudo estava a postos para levar ao tablado do theatro o nojento e desengraçado parto do dito, lança-lhe a policia a mão ao hombro e diz-lhe muito cortezmente:

«Não consinto, em nome da moralidade e da Religião que no Brazil implantaram os frades e os padres catholicos, que se represente no nosso theatro uma comedia tão immoral, tão anti-religiosa, e tão offensiva para um povo que conhece o que deve aos religiosas de todas as ordens.»

Mestre NN enrolou a barraca e mandou rufar o tambor do arlequim para onde não haja policia. Voltará para Portugal, corrido.

Foi bem feito!

Tocou-se a rebate em todos os campanarios da imprensa geringonceira; apitou-se, chamando a attenção da policia, e fez-se, não sei o que mais, porque um padre, no pleno uso de seu direito, e satisfazendo aos deveres do seu cargo sacerdotal, instou com um doente no hospital de S. José, em Lisboa para que se confessasse.

Mas que bulha elles fizeram!

Não se queria confessar o homem, porque dias antes elle proprio quiz por fim á vida, que Deus lhe conservou para o deixar confessar; não quiz, e lá foi como um cão que ha dias morreu aqui na rua sem querer, mas por obra e graça do veneno municipal.

Aqui em Guimarães conhecemos um hospital onde os doentes são confessados ao entrar, ou pouco depois se não estão em grande perigo. E porque será que os espiritos *fortes*, não querem ver este uso em todos os hospitaes? E' para não ir encommodar o doente, dizem. Nós porem dizemos outra cousa.

Porque elles não querem que os irm.·. se confessem é porque estes, confessando-se bem, como se confessa toda a gente, mesmo *forte*, na ultima hora, descobrem ao padre todo o seu coração, dizem lhe que são pedreiros livres, que não vão á missa, que se não confessam, que não querem saber da Religião para nada.

Ora no hospital de S. Francisco d'esta cidade já se tem dado d'estes casos, porque os da *humanidade*, os da beneficencia, deixam os irm.·. á porta da caridade christã e esta, que tem braços para tudo abraçar, dispensa-lhe todas as consolações, mediante a condicção de confessar-se á chegada: é o bilhete para a partida, e em recompensa o Pobre d'Assis fica herdeiro dos bens do mação convertido, a maior parte das vezes constantes do *avental*, signal da dignidade que o irm.·. exercia na chafarica. Ha alguns para amostra.

Aqui está porque elles se não querem confessar, porque não querem que os brutinhos vão para outra vida sem o *avental*. Lá é que elles farão boa figura de mações!

Fomos ás festas do Coração de Jesus no dia 8 do corrente, a Souto.

Um dia cheio de... calor e de agradaveis impressões, de que havemos dar noticia aos leitores no proximo numero.

J. de Freitas.

Aos que podem

Transporte do n.º anterior..	20$505
Do assignante nº 2248, Moncorvo.....	640
Do assignante nº 283, Estarreja.....	300
Do assignante nº 3792, de Vianna.....	150
Somma.....	21$595